A Fortaleza em 1810

POR

J. BRIGIDO.

I

Planta da cidade. Primeiros edificios. Rua do Cajueiro. Pleito. Açougue. Aldeiota. Primeiras egrejas. Mudanças dos indios. Marinha.

Breve estarão perdidos, para a chronica da cidade da Fortaleza, dados importantes, que se encontrão nos livros do antigo senado da camara, sobre o seo desenvolvimento e progresso. O modo, por que se forão projectando as suas ruas a configuração, que a povoação teve primitivamente ou foi adquirindo, e as modificações que foi soffrendo, são curiosidades, que interessão aos que costumão julgar da actualidade pelo que foi o passado, aos que desejão saber que causas induzirão a erros ora reconhecidos.

Além da má lettra, com que estão lançados os assentos do senado da Fortaleza, já agora bem dificeis de decifrar, e da tinta, que vae cedendo á acção do tempo, a pessima conservação dos papeis nos archivos da provincia e o despreso, em que geralmente se tem os livros de catadura feia, concorrem para que dentro em poucos annos não reste cousa alguma dessas antigualhas e para que se ignorem as origens desta aprazivel cidade, destinada a ser uma das mais populosas do norte do Brazil.

Ha questões mesmo, que ficarão sem uma solução. Tem-se pretendido, por exemplo, que a forma correcta da Fortaleza veio de um plano que fez adoptar o finado Antonio Rodrigues Ferreira, um dos mais zelosos presidentes da camara municipal.

Da leitura das actas da velha corporação se vê que o grande serviço prestado por elle, como presidente da camara municipal algumas vezes, consistio no empenho, com que fez observar o plano da cidade, quando qualquer desvio o podia comprometter; mas que este plano foi obra do tenente coronel de engenheiros, Antonio José da Silva Paulet, ajudante de ordens do Governador Sampaio, isto ha quasi 100 annos.

Para salvar do esquecimento estes factos, faremos o transumpto do que se encontra nos livros alludidos e outros documentos, e bem assim do que a tradição conserva e nos foi attestado por testemunhas occulares.

Os edificios mais antigos da Fortaleza são o—quartel e fortim de *Nossa Senhora d'Assumpção*, no local em que os hollandezes projectarão uma fortaleza, de que nos falla Candido Mendes, e que teve o nome de Schoonenborch, em honra do então governador hollandez de Pernambuco. Desta fortificação, que não chegou a realisar-se, possue o auctor uma planta mui curiosa com indicações do lugar do desembarque dos hollandezes em Mucuripe e outras até Maranguape e Villa Velha.

Este fortim dominava a barra do rio, que elles chamavão *Marajaitiba* ou antes *Mattas de Palmeiras*, por isto que o planalto que ficava a margem direita do regato era povoado de Catolezeiros Esse regato se encontra tambem, pelos tempos adiante, com os nomes de *Ipojuca*, *Telha* e ultimamente *Pagehú*.

Sobre topographia esse documento graphico de 1649, não fallando de outro de 1637 referente á barra Siará, é o maios curioso da nossa historia.

O croquis indicado dá o alinhamento da nossa costa desde o cabo Mucuriba (Mucurive, Mucuripe) até a barra d'aquelle rio (Itarema), casa do indio chefe Carajá.

Projectando-se para o sul indica as paragens seguintes:

1—Aqui chegamos primeiramente com as nossas embarcações e ancoramos na bahia Mucuriba.

2—Visitamos este lugar para desembarcar a nossa gente mas o não achamos capaz por causa da arrebentação.

3—Aportamos aqui com as pequenas embarcações. (Porto de Fortaleza, ao sul do arrecife).

4—Isto é um porto capaz para barcos.

5—Aqui se achavam os indios quando desembarcámos.

6—Aqui fizemos o nosso quartel sobre o monte Marajaik. (Onde agora estão o quartel e passeio publico).

7—Ribeiro chamado Marajaitiba (Matta de Palmeiras).

8—Forte Schoonenborch.

9—Armazem.

10—Caminho para o monte Itarema.

11—Ribeiro chamado Tipoig.

12—Rio Ceará (Itarema).

13—Velho forte chamado S. Bastião (barra do Itarema).

14—Casa do velho Carajá (chefo indio).

15—Casa de Francisco Aragibá (indio chefe).

16—Ribeiro chamado Igatú (Picú?).

17—Ribeiro chamado Piraocai (Pirocaia).

18—Caminho que vae para o Ceará.

19—Pequena lagôa chamada Imboena Ponga (Porangaba).

20—A lagoa grande chamada Monduig (Mondubim).

21—Rio chamado Itapeba (Siqueira).

22—Caminho para aldeia chamada Pirapedoba.

23—Ribeiro chamado Itarema Igesab.

24—Quartel do Commissario Hendrick Van Ham (em Itaquara).

25—Aqui os mineiros começaram e d'ahi tiraram mineral junto ao monte Itarema (serra de Maranguape).

26—Roças de Mandioca e milho.

27—Pequena fenda onde os mineiros disseram existir mineral.

28—Isto é a grande fenda (boqueirão de Itaquara).

29—Isto é o monte chamado Itarema (serra de Maranguape).

30—Isto é o monte chamado Maragoa (Maranguape).

Nesse fortim residia o commandante do presidio, que em começo foi a unica autoridade nesta região.

Havia ahi uma capella, que foi reconstruida, como tudo mais, no fim do seculo passado, pelo padre José Rodrigues, residente na *Soledade* (Soure), que tudo offereceo ao rei sem retribuição.

Havia a um lado, uma laranjeira, objecto de veneração publica, á qual punhão uma sentinella e chamavão de—S. Gonçalo.

Pela fachada de léste, as aguas do mar chegavão até onde agora se acha o sobradinho n.º 29, que foi de Bernardino Pacheco, sendo ahi que se fazião os desembarques e desembarcarão os hollandezes em 1949.

As aguas do oceano lambião as encostas do planalto hoje do *Outeiro*, abaixo do qual agora se encontra todo bairro da praia.

Em 1817, as marés ainda chegavão até o sobradinho indicado. Existia alli uma casinha, com uma bonita cajazeira, junto a ponte de madeira que havia no lugar ora chamado *Chafariz*, em consequencia de ter alli existido um, começado em fevereiro de 1813 e concluido em setembro desse anno

No sitio occupado até pouco tempo pela casa em ruinas do Sr. Guilherme Miranda, agora n.º da rua Senna Madureira, em frente ao muro do palacio do governo, havia um cajueiro, tambem celebre, que servia de açougue da villa. E' delle que procede o nome da rua, cuja extremidade occidental vae ter á praça do Ferreira, rua que foi em começo estrada para Arronches.

O almotacé da villa mandou derribar esta arvore. Oppondo embargos o capitão mór Antonio José Moreira Gomes, allegando ser ella o morador mais antigo da povoação, seguio-se uma demanda que deu occasião á Relação da Bahia mandar conservar o venerando cajueiro, que assim veio a morrer de velho.

Do ponto dessé cajueiro transferio-se a venda da carne para o local occupado agora pela casa da finada mãe do Dr. Paulino N. Borges da Fonseca, n.º 20, na extremidade norte da rua *Boa Vista*, ora Floriano Peixoto.

Foi este açougue a origem da edificação que se fez na ála em frente, desde antes de 1810. O matadouro transferio-se para o local onde existia o sobrado de José Maria Eustachio Vieira, antigo caixeiro de Moreira, edificio que passou ao dominio do commendador Luiz Ribeiro e acha-se agora transformado em—*Palacio Guarany*.

A edificação que se seguio immediatamente depois da do quartel, residencia do commandante do presidio, foi a de *Aldeiota*, povoação de indios no sitio conhecido por este nome, nas immediações de *Pajehú*. Mais tarde os adventicios, portuguezes e mestiços, começarão a edificar pequenas casas de barro e telha, ou choupanas de carnahubas, á margem direita e esquerda do regato Ipojuca.

Na curva, que faz este ribeiro, os indios collocaram sua igreja, precisamente no terreno onde agora está a cathedral.

Este velho templo, para onde forão transferidas as imagens existentes em uma capella da barra do Ceará, Villa Velha ou Mathias Pacheco, foi demolido no começo do secculo XIX pelo vigario Antonio José Moreira. Conrado, em 1825, lhe tirou parte das madeiras para fazer o pontilhão do lugar Chafariz; outros lhe tirarão o restante para a igreja do Rosario.

Quando os indios se passaram de Villa Velha para o seo novo domicilio de *Aldeiota*, conduziram nos hombros o pelourinho, que era n'aquelle tempo uma decoração das villas, sinão o signal de cathegoria do povoado e collocaram-n'o a 50 passos ao lado da egreja.

E' tambem muito antiga a ermida do Rosario e ao lado desta a casa que servia de Paços do concelho e acha se agora convertida em palacio da presidencia, por troca com o senado da camara em 3 de Janeiro de 1809 por outro predio com terraço olhando para a ála oriental da rua ora Senna Madureira; nelle residirão os governadores terceiros, pois que os segundos moraram n'um

pequeno sobrado de madeira em ffente a igreja actual da Sé e os primeiros, no quartel do Marajaik; na troca voltou a fazenda real a quantia de 1:368$668 réis. Esta casa, ora palacio do governo, consistia primeiro do lanço que fica do lado da ermida.

Desde o fim do seculo passado já existia, mais ou menos, casas de taipa, a ála oriental da rua dos *Mercadores*, hoje Conde d'Eu, a qual se extendia desde o predio na extremidade norte n.º 45, até o sitio de D. Anna da Costa, depois conhecido por sitio do *Gouveia*. Em seguimento estava o sitio *Marinhas*, na visinhança da lagôa denominada outr'ora—*Garrote*, actualmente Parque da Liberdade.

Essa denominação—*Marinhas* suggere uma idéa: Este sitio foi outr'ora occupado pelo mar?

Foi incontestavelmente e bem assim todo valle do *Pagehú* e por elle até mui longe, as terras superiores. Os vestigios são os mais evidentes. Si na épocha, a que nos referimos já lhe não cabia a denominação, é força admittir que esta lhe vinha do tempo em que começou a ser frequentado

Este sitio entrou na sesmaria concedida no Ceará. Felippe Coelho, como descobridor das terras que ficavão nas immediações da Fortaleza, a obteve em 1663.

Com o levantamento do sólo e o consequente afastamento do oceano, que se observa no Ceará, *Marinhas*, ha 249 annos, deve ter sido effectivamente marinhas. Não é lugar aqui para mais longos desenvolvimentos desta questão.

Constituia um suburbio da villa o engenho de Bernardo José Teixeira, no sitio justamente onde se fez o açude da provincia. Era este um lugar de distracção e passeio da gente bôa da terra.

Deste homem conserva a tradição uma triste memoria. Refere se que tendo perdido uma demanda, que sustentara com a administração de S. José, por extremas de sua terra, recorrera para a ultima instancia (Relação da Bahia) e achava-se em Lisboa, quando soube que tinha tido confirmação a sentença proferida em favor do santo

patriarcha. Tomado de remorsos, se suicidou. Consagra ainda a superstição a memoria de outro castigo tremendo, em consequencia da sacrilega demanda.

O official de justiça que citou o santo, conhecido por Pedro Mentira, morreo de lepra em razão deste enorme peccado!

O que, porem, se encontra nos documentos é que Bernardo Teixeira era um homem civilisado, boticario e pessôa de estima da villa.

Figuradas as cousas mais antigas, vamos dar uma idéa total do que foi a villa da Fortaleza, no periodo do governo de Luiz Barba Alardo de Menezes, o qual começa em 21 de Janeiro de 1803 e termina em 19 de março de 1812.

Para a parte superior da cidade, temos consultado os antigos livros do senado, e para o bairro da praia, abaixo das barrancas, a planta levantada pelo capitão de fragata Giraldes da armada portugueza, de ordem deste governador

Acerca de uma e de outra, temos recolhido as tradições mais criteriosas e ouvimos, na mocidade, alguns contemporaneos, já mui raros.

II

Barba Alardo. Fortins. Incremento da povoação. Commercio directo. Fabricas. População.

O governador Barba Alardo não só levantou a primeira carta da provincia, que se conhece, depois das plantas da barra do Ceará feitas pelos hollandezes, e conservadas por Barlæus, no seo precioso livro sobre o governo Nassau, como mandou estudar o porto da villa da Fortaleza pelo capitão de fragata Francisco Antonio Marques Giraldes, que tirou a planta delle, aliás a perspectiva da povoação, olhada do mar.

Este trabalho foi mais tarde repetido pelo governador Sampaio e existe no archivo militar do Rio de Janeiro, para onde foi remettido.

Do importante documento de Giraldes, existente naquelle archivo, nos extrahio uma copia o distincto cearense capitão Antonio Americo. A elle devemos a exactidão com que estamos habilitados a figurar a cidade de então, na sua parte maritima.

Trataremos desta primeira parte, depois da superior, que demora na barranca fronteira ao mar.

Em *Mucuripe*, existia no pequeno promontorio, face occidental, extremidade norte, um fortim que servia de vigia. Seguião-se a este, os fortes de *S. João do Principe, Carlota e Bernardes*, ou como dizem outros, *S. Bernardo*.

Ao lado do forte *Carlota*, para o nascente, havia uma casa construida de pedra, que servia de quartel, e ao lado desta uma menor que fazia de appendice, servindo para paiol de polvora Alem destas, nenhuma edificação mais se encontrava no pequeno promontorio.

O quartel de *Mucuripe*, mandado edificar em 27 de maio de 1801 pela junta de fazenda, e concluido em 6 de setembro de 1802, custou 545$900 réis; o que não era mui pouco naquella época. Completavão o systema de fortificações da costa, que aliás erão bem frageis, pois que parte dos reductos ou fortins era de madeira, outros pequenos reductos para o poente, os quaes indicaremos.

No extremo de *Mucuripe* á beira d'agua encontrava-se um frondoso joaseiro do qual ficou memoria por ter sido muito tempo o abrigo e o ponto de reunião dos pescadores. Todo promontorio estava arborisado e na encosta do poente existia uma fonte d'agua potavel, que as areias já soterraram.

Na enseada, em que se acha actualmente a ppvoação chamada de *Mucuripe*, encontrava-se uma unica habitação, com uma porta no oitão e duas pequenas janellas na frente.

A praia era despovoada d'ahi por diante na direcção da villa, apenas se encontrando, na barranca ao norte antes de confrontar com o recife, seis casas de palha em alinhamento e trez outras dispersas na baixa. Dava se a esta região o nome de *Prainha*. Ao norte destas residen-

cias ficava uma ponte de desembarque, ao lado desta um pequeno reducto, construido de madeira, cheios os vãos de areia, um verdadeiro entrincheiramento com duas peças de pequeno calibre.

Para se ter um idéa exacta desta região, figure-se que não existia a esse tempo os morros que hoje obstruem o sitio conhecido por *Papi*; que a barranca, sobre que está situada a ermida da *Prainha*, corria livremente para o sul; que finalmente erão verdadeiros salgados os terrenos em que foi edificada a alfandega actualmente em ruinas e as ruas que lhe correm pelo fundo e pelo lado do mar.

Ainda na primeira administração do senador Alencar, o engenheiro francez J. F. Seraine fazia aterramentos nessa região.

Pois bem; precisamente onde está agora o predio do conselheiro Araripe, n.º 1 da rua do Chafariz, existia uma casa que se chamava da *Prensa*, mais ou menos, onde se fez mais tarde a *Alfandega* primitiva servida pelo trapiche indicado.

Este trapiche era em frente a casa que edificou o inglez Ellery, n.º 15 da rua da Alfandega. Atraz della collocou-se um morro onde foi mar navegado por sumacas que demandavão o trapiche da *Carreira* do sul.

Na barranca, um pouco ao sul do alinhamento do actual seminario, havia duas casas, uma dellas de apparencia soffrivel.

Logo abaixo da casa de *Prensa* havia outra para recolher alvarengas e a estes dois predios reduzião-se os que servião para o trafego do porto.

Em conclusão, formavão a vista do mar, desde a ponta do *Mucuripe*, casas pequenas e choupanas na praia e sobre as dunas em numero total de 37, sendo a ultima o pequeno paiol da polvora, na extremidade norte, local hoje occupado por um angulo do Passeio Publico.

O fortim da cidade estava na eminencia ao lado do quartel.

A elle é que succedeo a fortaleza actual, da qual já cogitava Barba Alardo recolhendo os donativos do cos-

tume. O capitão mór dos Inhamuns, José Alves Feitosa subscreveo para ella, na sua administração, 700$000, acto de generosidade que lhe valeo o habito de Christo.

Esta obra foi mandada começar no governo de Sampaio, em 12 de outubro de 1812 e concluio se em 17 de agosto de 1822, sempre com donativos, que só em dinheiro prefiserão a somma de 16:103$267 réis.

No periodo de sua edificação, as aguas lambião a face que fica para o mar.

Vivião ainda na nossa mocidade, nesta cidade, pessôas que presenciaram os trabalhos.

Foi justamente no tempo de Luiz Barba Alardo, que o bairro maritimo da villa começou a ter algum incremento, pois que foi elle o creador do commercio directo da capitania, até então reduzida a permutas com Pernambuco.

Já pelo alvará de 17 de Janeiro de 1799, separando o governo do Ceará do de Pernambuco, se lhe tinha permittido fazer commercio directo com Portugal.

Em 1809 conseguio este governador que negociantes da villa mandassem o primeiro navio a Londres, com productos da terra e amostras de algodão.

Foi a galera—*Dous amigos*, á qual seguirão-se outros navios.

Elle deu todo impulso ao plantio do algodão e mandou ao governo amostras de *tucum e croatá*, suppondo poder tornal-os artigos de exportação.

Em maio de 1811, estabeleceu-se na Fortaleza a primeira casa estrangeira de commercio directo, sendo seo fundador o irlandez William Wara, que veio para isto no bergantim inglez *Sophia* e *Berthse*.

O algodão exportado no seo tempo regulava de 16 a 17 mil arrobas por anno.

Barba Alardo fundou na Fortaleza uma fabrica de louça vidrada (no Outeiro), e conseguio productos tão bons, dizia elle ao conde de Linhares em officio de 31 de agosto de 1809, como os da Bahia. Hoje, porem, não se conhece o lugar onde essa fabrica existio. Naturalmente succumbio á falta de consumidores; pois que a po-

pulação da provincia apenas de 150 mil almas, como elle calculava, estava grandemente dispersa pelos sertões, que não se communicavão com a Fortaleza mas fazião seo commercio exclusivamente pelo porto do Aracaty.

A população da villa da Fortaleza, dizia o governador Barba Alardo, em uma memoria dirigida ao rei em 18 de agosto de 1814, não excedia de 3.000 habitantes.

Assegura, porem, o viajante inglez *Henri Koster*, que esteve na Fortaleza de 16 de dezembro de 1810 a 8 de janeiro de 1811, que tanto quanto elle podia julgar ella não excedia de 1.200 habitantes.

Este viajante dá o embarque e desembarque neste porto sendo feito como até muito depois, isto é, na cabeça de trabalhadores que entravão pelas ondas!

No anno de 1810 sahirão do porto da Fortaleza:

Com destino a Pernambuco—sumacas *Triumpho do mar*, *Galeão*, *Athlante*, *S. Romão* e *Thiumpho*.

Com destino a Inglaterra – Brigue *Gaveão*, escuna *Ligeira*, dita *Flor de Maio*, galera *Alardo de Menezes*.

Esta ultima foi tomada no Canal por dois corsarios francezes de Dieppe

Todos elles carregaram 3.385 saccos de algodão com 11.271 arrobas.

III

Disposições do solo. Valle do Pagehú. Garrote e Lagoinha. Planaltos. Extincto lagamar. Martim Soares.

Antes de darmos uma idéa do que foi, em 1810, a villa de Fortaleza, na sua parte superior e no tocante a seos arruamentos, não será fóra de proposito fallar da disposição dos terrenos ou da conformação do solo, que ella começava a occupar e veio a abranger annos depois, adquirindo uma frente de quasi 2 kilometros, com fundo igual, não incluindo as irradiações ou transbordamentos, na direcção de Mucuripe, Cocó, Mecejana, Palha, Serrinha, Arronches e Soure, cujas estradas estão ladeadas de habitações, ás vezes em alinhamento e continuidade.

O vento, que vinha de longe, na tarefa de dar á

costa do Ceará a forma rectilinea, que um dia tomará, alinhando-se por elle, incumbio se de aterrar os *lagamares* do perimetro da futura cidade, lançando sobre elles uma quantidade enorme de areias e fazendo-os perder o seo primitivo caracter de *marinhas*.

A este poderoso instrumento das transformações da terra deve a Fortaleza o assento, que lhe coube.

A conformação do solo, ao começar a povoação, era mais ou menos esta:

O ribeiro do Pagehú dividia em duas zonas distinctas as terras immediatas á fortaleza de N. S. da Assumpção: na margem direita, o planalto, conhecido por *Oiteiro da Prainha*; ao lado opposto, terrenos ligeiramente accidentados, onde se acha agora a maxima parte da cidade.

Estes erão, á sua vez, divididos em outras duas zonas, como mostraremos.

O ribeiro Pagehú corria em uma baixada ou valle, que naturalmente inundava em suas grandes cheias. Este valle está representado por toda largura da antiga rua Direita dos Mercadores, moderna Conde d'Eu Na parte inferior, parallela ao ribeiro, edificou-se a ála oriental desta rua e sobre a quebrada, que dava accesso para os terrenos da esquerda, a ála fronteira.

Dão testemunho disto a casa da *Ribeira* e os edificios contiguos, os quaes, aproveitando a rampa, assobradarão na frente.

Dois tributarios do *Pagehú* cortavão os terrenos da margem esquerda, dividindo-os em duas collinas ou lombadas, que corrião no mesmo sentido, a saber: o corrego de *Lagoinha* e o do *Garrote*.

Destas duas lombadas, os pontos culminantes erão: na do sul, o local em que existio o theatro *Thaliense*, hoje sobrado n.º 112 da rua Formosa, actual Barão do Rio Branco, na do norte, a posição occupada pelo hospital de *Misericordia* e edificios, que alinhão com aquelle.

Esta ultima eminencia, ao tempo em que o terreno da cidade estava a nú, se destacava tanto que o viajante inglez Koster diz que a fortaleza e paiol da polvora estavão situados sobre uma montanha de areia.

A baixada, corrego ou valle do norte, servindo de desaguadouro de *Lagoinha*, indica que esta represa esteve em communicação com o mar e foi mesmo uma dependencia delle. Hoje, está quasi extincta e no local della se construio uma praça.

As aguas de *Lagoinha*, aproveitando a baixada, que as areias lhe deixavão, escoavão-se por ella, atravessando, na rua do Senador Pompeo, o terreno da casa do telegrapho n.º 80; na rua Formosa, o do sobrado n.º 72; na rua da Palma, actual Major Facundo o do sobrado da Relação n.º 28.

D'ahi, inclinando para léste, passavão no becco do *Mercado* e penetravão no ribeiro Pagehú, ao lado da casa n.º 45, antiga residencia de Conrado.

A estrada de *Jacarecanga* cortava esta baixada, que se conservava sempre humida. Pessôas conhecemos ainda que, em passeio para aquelle suburbio, o atravessarão tirando o calçado.

No grande inverno de 1839, ainda se estabeleceo uma corrente, que permaneceo algumas semanas.

Na secção do sul, o corrego do *Garrote* vinha cahir na lagôa deste nome, em communicaçâe com *Pagehú* e hoje tambem ameaçado de desapparecer. Este corrego atravessava a rua do Senador Pompeo, no sitio ora occupado pela casa n.º 213, que foi de Jacob Cahn.

Elle ainda tem o leito desobstruido na sua parte inferior.

Si nos fôra licito penetrar nos dominios da sciencia e occupar-nos de um passado prehistorico, explicariamos o facto de, por toda parte, se encontrar agua de melhor qualidade, perfurando o solo da cidade; mostrariamos que primitivamente estiverão em absoluta continuidade, formando um só e extenso banhado, lagôas, ribeiros e collinas, de que temos fallado.

Em principio erão massas ingentes de areia, sopradas, dia e noite, pelo rijo suéste a levantarem constantemente o fundo desse banhado; depois as ilhôtas, que emergião e se dilatavão sem cessar. Um dia, as aguas divididas e subdivididas se acharam reduzidas a duas unicas parcel-

las, e continuava a alluvião; nuvens de areia corrião sempre pela superficie do solo!

O ambito dos dois reservatorios foi diminuindo mais e mais e chegou a vez das aguas só se escaparem das suas prisões pelos dois corregos indicados.

Erão estes, pois, ainda a obra do vento!

Rondando mais á direira ou mais á esquerda, elle tinha consentido nessas depressões do solo, que separavão as duas collinas do *Thaliense* e da *Misericordia*, para vir sobre ellas opportunamente.

Ia assim mui adiantada a obra da natureza, quando sobreveio o homem e lhe disse: Pára!

Obscuros soldados expedidos do Rio-grande-do-norte com Martim Soares, emissarios e precursores, sem o saberem, d'uma civilisação que despontava, vierão lançar sobre o dorso das duas collinas os fundamentos de uma cidade, fadada, quem sabe a que destinos!

Houve tempo em que se suppoz que a cidade tendia a dilatar-se no planalto *Oiteiro*, sitio aprazivel, com uma vista esplendida sobre o oceano, bafejado de uma brisa constante.

Neste supposto, o governador Sampaio influio para que se edificasse a rua *Sampaio*, do plano do engenheiro Paulet, a primeira em que se empregou exclusivamente o tijolo, condemnando-se a taipa.

Mas alli a jazida das aguas estava á maior profundidade ou erão estas menos abundantes, por isto que o terreno é de formação mais antiga.

Força foi, por tanto, vêr preferida a região ao occidente do *Pagehú*, e com empenho tal, que não ha duvidar que, em 80 annos, este bairro da cidade tinha como divisa de um lado o ribeiro indicado, de outro o *Jacarecanga*.

Taes disposições do solo dividem a cidade mui naturalmente em trez bairros:

Bairro da *Praia*, entre o mar e as barrancas;
Bairro do *Oiteiro*, á direira do Pajehú e
Bairro do *Commercio*, á esquerda.

Não se faria nenhuma injustiça em chamar este

ultimo—o bairro de *Martim Soares*, do nome do chefe, que o começou.

IV

Arruamento antigo. Subsidio das agoasardentes Palacio. Mercado. Patibulo. Estradas. Cemiterio.

Para darmos um idéa exacta do que foi a *Fortaleza* e seu municipio em 1810, temos necessidade, repetidas vezes, de recorrer a factos anteriores ou de ir adiante desta epocha fazendo menção de outros que esclareção a situação.

Em 30 de julho de 1808, a camara fez um adjuncto da nobreza e do clero para pedirem ao principe regente que elevasse a Fortaleza á cathegoria de cidade. A povoação era entretanto mui insignificante para merecer as honras reclamadas.

As ruas existentes erão:

Quartel—em seguimento ao quartel de linha, rua, da qual algumas casas existem ainda, que não forão reconstruidas.

Parece ser a mesma, que nos antigos documentos se encontra com o nome de rua da *Cadeia*; pois que a cadeia era no quartel, cujo alinhamento ella tinha, correndo á leste da praça do *Concelho*.

Praça do Concelho—formada pela matriz á leste e por uma phalange de casas em frente a ella, tendo pelos fundos a rua do Quartel ou da Cadeia.

E' nesta phalange de casas, que existio a primitiva casa de camara; é desta praça, que nos falla Koster, quando diz:

«A cidade do Ceará está edificada em meio das areias em forma de quadrado, com quatro ruas partindo da *praça*. Tem ainda uma longa rua, que segue uma direcção parallela ao lado septentrional da praça».

Esta rua era a das *Flores*, que cortava obliquamente a da *Bôa-Vista*, mui frequentada por causa dos açougues e dava sahida para o matadouro e para *Jacarecanga*.

A praça, de que falla o viajante, deve entender-se a

da lei e uzança portugueza, isto é, a praça em que estava o pelourinho, symbolo da villa ou communa e cuja erecção importava dizer que esta se tinha inaugurado.

Nas villas portuguezas o pelourinho era sempre n'uma praça, que constituia uma especie de *Forum*.

Em frente a essa linha de casas, que já desappareram totalmente e das quaes em 1850 ainda existiam algumas, inclusive um pequeno sobrado de madeira, esteve a 50 passos da matriz o *pelourinho*, que por provisão de 16 de novembro de 1818 se mandou collocar na praça *Carolina*.

A' esquerda, na linha, que vae do angulo da thesouraria ao da matriz, estava a *polé*, outro instrumento de supplicio. No sitio desta havia uma excavação perigosa para os transeuntes, que a camara mandou entupir pelo povo, em 1810, congregando-o para isto.

Por traz da matriz corria o sitio e casa do negociante portuguez, sargento mór Antonio Francisco da Silva, predio este que foi convertido em *Palacio episcopal*.

Ainda em frente ao quartel se encontrava a casa e sitio do naturalista Feijó, agora dos herdeiros de Manoel Franklim do Amaral e outros

Havia uma fonte neste sitio, que foi convertida em aguada publica, em 31 de julho de 1813, em virtude de transferencia feita por Feijó á camara em 11 de Julho de 1812. Para isto se fizerão algumas obras, que existiram até pouco tempo.

Mais tarde os adquirentes do predio se apoderarão de tudo, privando o povo do uso dessa fonte, sem indemnisar a fazenda publica, que fez a despesa das construcções e a camara municipal, que tinha a propriedade della.

Direita dos Mercadores—marginando o regato Pagehú, com frente para o mercado actual. Esta rua, começando na casa n° 45, interrompia-se no becco até pouco tempo conhecido por *Pocinho* e continuando para o sul, chegava até a chacara de D. Anna da Costa Porto (*sitio Gouveia*).

Na ála opposta havia sobre a barranca, no lugar que hoje é praça interior do mercado, uma casa de re-

sidencia de Antonio da Costa Souza, a qual foi desapropriada em 1818 quando se quiz fazer essa obra. Em seguida para o sul, encontrava-se a que servio de residencia dos antigos governadores e em 9 de janeiro de 1809 passou a pertencer a camara, por troca feita com a que serve actualmente de palacio do governo.

Este predio ora pertence ao coronel Victoriano Augusto Borges, com numeração de 43. Celebre por ter servido primitivamente de palacio dos governadores e após isto de Paços da camara, onde funccionava igualmente a junta da fazenda, mais celebre se tornou por ter servido para a commissão militar, tribunal de sangue, que mandou ao patibulo, em abril e maio de 1825, os patriotas padre Gonçalo, Pessôa Anta, Ibiapina, Bolão e Carapinima. Pertenceo primitivamente a Raymundo Vieira da Costa Delgado Perdigão, que o alugava aos governadores por 40$000 annuaes, como se vê de uma acta da camara de 13 de fevereiro de 1813. Parece que ao tempo da troca já era do Estado.

A edificação desta casa, ora palacio, custou a vida a 16 indios, que tiravão barro para ella, junto á fortaleza. Cahio-lhes por cima uma barreira.

Deste predio passou-se a camara para o que occupa actualmente, obtido depois da independencia, por compra ao negociante Francisco José Pacheco de Medeiros.

Em seguimento para o sul, encontrava-se a casa de morada de José Pacheco Spinosa, quasi no mesmo alinhamento sobre a barranca e nenhuma mais até a travessa agora d'Assembléa

Seguia-se o palacio do governo, predio que foi do capitão-mór Antonio de Castro Vianna, comprado pela camara á junta de fazenda em 1802, por intermedio ou com a garantia do capitão-mór José Alves Feitosa e transferido, como dissemos, aos governadores em 6 de janeiro de 1810.

Para haver este predio, a camara tinha creado um imposto que se chamava subsidio das agoas-ardentes, o qual consistia em 4$000 por cada pipa que se importasse.

A primeira casa da camara foi um máo predio, na praça do Concelho, ora praça da Cathedral, em concertos sempre que se dava aposentadoria aos ouvidores. Foi vendida em 4 de janeiro de 1803 ao professor regio Avila por 71$000 e tinha sido edificada pelo governador Manoel Francez, do qual se queixava a camara do Aquiraz em 1728, dizendo que elle allegára ter gasto cerca de 400$000 e para pagar se, se ficara com o imposto do talho das carnes.

Completavão esta rua algumas casas em frente ao sitio de D. Anna da Costa, das quaes ainda existem algumas já muito arruinadas.

Rosario—por traz da ermida deste nome, da qual existem ainda algumas casas.

Praça de Palacio—que dava sahida para o terreno que forma agora a praça Carolina da qual algumas casas desalinhadas seguião na direcção da rua do Monteiro.

Monteiro—pequena fila de casas que cortava obliquamente o eixo da rua hoje do Major Facundo em frente á casa n.º 74.

Becco das Almas—travessa que ficava ao lado esquerdo de Antonio Francisco, hoje palacio episcopal.

Rua das Flores—com alinhamento um pouco ao norte da actual.

Boa-Vista—por traz e ao occidente da rua do Quartel, de cujos predios alguns existem ainda. Era nesta rua das Flores que existia a casa da Inspecção do algodão, onde estão os predios actualmente com numeração 31, etc.

Rua da Fortaleza—Linha de casa que corria parallela á fortaleza na direcção mais ou menos da rua actual da Misericordia.

Não havia até então um mercado publico. A pequena e a grande permuta se fazião em lojas e vendas que se encontravão na rua Direita dos Mercadores e na do Rosario. Foi em 1812 que a camara mandou que no pateo da casa de suas sessões cercado de madeira, em meio do qual havia um telheiro, se estabelecesse uma feira. Nesta estacada e na face, que olhava para a praça *Ca-*

rolina, hoje praça José de Alencar, se collocou um portão por onde se entrava para o mercado, das 6 horas da manhã ás 6 da tarde. Em janeiro de 1814 resolveo a camara fazer uma casa para ribeira, restaurando para isto o imposto de 4$000 sobre pipa de agoas-ardentes, medida que justificou, fazendo escrever na acta da sessão que não se podia chamar oneroso este imposto, por isto que todo o seo peso cahia com igualdade sobre os *bebedores*, podendo os vendilhões augmentar-lhe o preço, por quanto *aguardente era objecto de luxo e causa de crimes*.

Em abril desse anno os capitães-mores Dourado e Castro tomaram a si a construcção do edificio, emprestando o primeiro 1:200$000 e incumbindo-se o autro da administração da obra. A planta foi do ajudante de ordens do governador, tenente coronel Antonio José da Silva Paulet e servio de mestre o portuguez Antonio Simões, que deo começo aos trabalhos em 1815.

Este edificio foi inaugurado e entregue definitivamente ao publico em 12 de setembro de 1818, mandando a camara fazer inscripções em honra do juiz de fóra José da Cruz Ferreira, do governador Manoel Ignacio de Sampaio, de Lourenço da Costa Dourado e Antonio da Silva Castro.

Sobre o portão que dá para a praça Carolina poserão em caliça o seguinte:

Em 12 a praça pelo Cruz fundada.

Em 15 por Sampaio edificada.

Sobre o portão que fica ao lado opposto:

Aqui Dourado e Castro permaneção.

Cidadãos generosos nunca esqueção.

Foi tambem depois de 1810, que a fortaleza de Assumpção tomou a forma que hoje tem. Deve-se ao governador Sampaio e ao architecto Paulet. Suas obras forão começadas em 12 de outubro de 1812. Deram-se nomes aos seos 4 baluartes: ao do nordéste de *N. S. da Assumpção*, ao do suéste de *S. José*, ao do noroéste de *D. João* e ao do sudoéste de *Principe da Beira*.

Em frente ao mar collocou-se uma lapide com estes dizeres:

Informem montem me derisêre carinae,
Nunc arcem magnum respectu pavescunt:
Hic me Sampaius, sexto regnante Joanne,
Fundavit pulchram; Pauleti refulget.
Armis me fortem civilia dona
Muris me fortem reddunt stipendia Regis.

No lugar occupado pelo predio n.º 50 da rua *Formosa* estava o *matadouro*; e não longe o açougue, na extremidade norte da rua *Boa-Vista*.

Era lugar de execuções capitaes a praça actualmente jardim do Passeio Publico e continuou até 1825. D'ahi se passaram para o campo *d'Amelia*, lugar occupado agora pela Estação da Estrada de Ferro.

Nesse tempo, as cabeças dos justiçados andavão a metter medo ás populações, conduzidas d'uns para outros termos, como se vê do documento infra:

«Pela presente portaria ordeno ao juiz de fóra da villa da Fortaleza que assim que esta lhe fôr apresentada encarregue ao alcaide ou meirinho da mesma villa de conduzir á villa de Sobral a cabeça do réo Semeão de Freitas, que entregará ao juiz ordinario da villa de Sobral, que della fará o que no officio junto lhe ordena a superiora junta de justiça de Pernambuco. Outro sim, ordeno ao capitão José Henrique Pereira, que para a dita execução nomeie um official inferior ou arvorado com 4 soldados para acompanhar o mesmo meirinho, nesta deligencia, cujo auxilio será dado assim que o juiz ordinario o requerer. Villa do Aracaty, 18 de outubro de 1804. João Carlos Augusto Oeynhausen».

No mesmo lugar existia o paiol de polvora, que foi mudado para a rua actual *Pedro II* e ultimamente para o *Croatá* donde removeram para Lagoa-funda.

A Cadeia publica era nos baixos do quartel de linha e sobre ella funccionava a junta da Fazenda publica, até que se passou, em janeiro de 1809, para a casa adquirida pela camara na rua *Direita dos Mercadores*.

Completavão a cidade as estradas, que partião para diversos pontos; a de Mecejana e Soure, como actualmente; a de Arronches, pela travessa do *Cajueiro*; a de Jacarecanga, pela rua do Senador Alencar; a do Cocó, por um lado do sitio de Antonio Francisco.

Em 1810 tratou-se de fazer um cemiterio em seguida á matriz, lado do mar; mas esta obra, para a qual o vigario da parochia pedia consentimento, parece não ter sido levada a effeito, continuando as inhumações no interior das duas pequenas igrejas.

Era isto, pois, no ponto de vista material, a povoação que já em 1808 aspirava aos fóros de cidade.

V

Icó, Aracaty e Sobral comparados. Povoamento do Ceará. Mineração. Plantio de canna. Os indios. Criação de gados. Escravos Commercio com Pernambuco.

A julgar pelo que informava Luiz Barba Alardo ao governo em seo officio de 18 de abril de 1814, a Fortaleza estava muito menos adiantada que outras povoações da capital.

O Icó, dizia elle, era a situação mais rica e agradavel do Ceará. Suas rendas municipaes erão de 335$075 réis, emquanto as da Fortaleza não passavão de 154$360 réis; a população de seo termo era de 17.698 individuos quando a do termo desta, incluindo Mecejana, Soure e Arronches, villas de indios, attingia sómente a 13:376. No Icó havia, alem de bôa casa de camara, quatro igrejas, inclusive a matriz que dizia o governador ser uma das mais ricas da capitania. A Fortaleza contava apenas as ermidas do Quartel e do Rosario e a matriz, que não estava acabada nem se concluio até ser derribada, para edificar-se a cathedral.

O Aracaty continha nos seus muros uma população de mais de 2.000 almas, sendo de 5.333 a do seo termo e freguezia. Apurava uma grande renda municipal, tinha quatro templos, casa de camara a melhor, mais as-

seiada e mobiliada da capitania; casa de inspecção do algodão, melhor que a da capital; um açougue magnifico, dizia elle, o melhor que tinha visto. Erão dignas tambem de attenção n'aquella villa as casas dos principaes negociantes, feitas a moderna. Como ficavam na rua principal, de grande estenção e largura, faziam uma perspectiva muito agradavel. Estes negociantes, em numero não pequeno, erão não só os mais ricos, como os mais polidos e bem educados da capitania.

Sobral já era tambem um povoado muito notavel, a freguezia continha 14:620 habitantes.

Comprehende-se facilmente porque outras povoações tomaram a dianteira á capital.

Foi no periodo da invasão hollandeza que o interior da provincia do Ceará começou a ser povoado e conhecido. Seo nome era então—região do *Jaguarive*. O Ceará primitivo, ou como dizião—a costa de *Mucuribe*, foi a primeira região que recebeo povoadores portuguezes e de raça crusada; mas os recebeo em menor quantidade.

Familias, que fugião ás vexações da guerra ou corrião adiante dos invasores, estabeleceram-se nos sertões da Bahia e de Pernambuco e d'ahi se disseminaram pelo Ceará. Continuando sua marcha para o interior, os rios erão os caminhos que seguião, pois que outros não havia.

O nome Ceará, vem do outro Ceará no Rio-grande-do-norte, cujos indios vierão para aqui com os primeiros missionarios A palavra Ceará primitivamente se escrevia *Siará*, que queria dizer—*cyri claro*, para distinguir de outras qualidades de caranguejos.

Assim foi que pelo riacho da *Brigida* vierão povoadores para as terras do Araripe, emigrados da Bahia por *Cotinguiba* ou de Pernambuco por via de Penedo e Porto Calvo Pelo rio do Peixe vieram os povoadores do Icó e alto *Jaguaribe*, procedentes de Parahiba, Pernambuco, etc. Finalmente o baixo Jaguaribe, o littoral do Ceará e o valle do *Acaracú* receberam povoadores das costas de Pernambuco, da Parahiba e Rio grande-do-norte.

E' desta ultima procedencia principalmente a população do norte da provincia.

A corrente de immigração para o sul, occasionada pela guerra, continuou por outras causas, algumas de natureza permanente.

Logo em 1711 começaram os boatos da existencia de grandes jazidas de ouro nas immediações do *Araripe* e em 1753, não obstante cautellas tomadas pela autoridade, era consideravel a accumulação de aventureiros nos terrenos do *Salgado*.

O governador de Pernambuco mandou postar em *Missão-velha* uma força numerosa commandada por Jeronymo Mendes da Paz afim de obstar as desordens e os contrabandos em prejuizo do quinto.

Houve trabalho de mineração na *Fortuna*, *Barreiros*, *Mangabeira*, *Morros-dourados* e muitos outros. pontos.

Quando, pela Ordem de 12 de setembro de 1758, se mandou dispersar essa gente, sob penas severas, já não havia mais um pedaço de terra devoluta n'aquellas paragens e a povoação congregada applicou-se á agricultura e á criação de gados.

Ficavão á pequena distancia as serras e brejos do Araripe, terrenos dos mais ferteis e irrigaveis do Ceará, que continuaram a attrahir povoadores; e veio o plantio da canna de assucar para tornar permanente a immigração.

Foi alli que começou para o Ceará a industria assucareira.

Accrescente-se a isto a excellencia dos campos para a criação dos gados, e eis como em 1810 já existiam na bacia do Jaguaribe 59:628 pessoas, outros tantos consumidores e productores para o commercio do Aracaty.

As demais ribeiras da provincia, segundo o recenseamento de então, continhão apenas 66:240 habitantes, sendo que parte do norte fazia quasi todo seo commercio com o Maranhão.

E' preciso não esquecer uma circumstancia, que dá idéa mais completa do movimento immigratorio no sul do Ceará.

A população de origem americana é menor alli do que no norte. Os indios forão quasi exterminados nas re-

giões do Jaguaribe pelas guerras que tiveram entre si e principalmente pelas barbaras e incessantes correrias dos capitães-móres de entradas, em quanto que no norte a protecção dos jesuitas os tinha feito poupar.

Era, pois, o Aracaty a praça de commercio que se constituio e devia constituir-se primeiro. Aventureiros portuguezes para ahi affluiram, por via de Pernambuco.

Este ponto maritimo era justamente o que se ligava aos fócos maiores da população, formados no interior pela invasão e enriquecidos pela industria, que se podia explorar n'aquella epocha —a criação de gados. As margens do Jaguaribe erão caminhos, que conduzião ao Icó, S. Matheus e Inhamuns; as do Salgado, seo affluente, a Lavras e Cariry; as de Banabuiú a Quixeramobim, etc.

A Fortaleza, ao contrario, achava-se isolada na zona dos taboleiros, em communicação com o littoral sómente, não alcançando suas relações para o interior mais que Baturité, Canindé e Uruburetama.

O producto unico desta região era o algodão. A outra o tinha na mesma quantidade, accrescendo os gados que deixavam muito mais, visto como pelo porto do Aracaty, exportava o xarque. o couro, a sola e a camurça; pelo interior suppria os açougues de Pernambuco e da Bahia.

A criação do gado bovino se desenvolveo mui rapidamente na bacia do Jaguaribe. Em 1647 já dalli sahião 700 bois para supprimento do exercito de João Fernandes Vieira. Em 1719, individuos havia que possuião mais de 4 mil rezes nas proximidades do Icó.

No Aracaty, antes da secca de 1792, xarqueavam-se annualmente de 20 a 25 mil bois; e pelo seo porto sahião de 25 a 30 mil couros salgados, de 50 a 60 mil meios de sola e vaqueta, 30 a 35 mil couros de cabras, 2 a 3 mil pellicas brancas (camurça), que costumavão fabricar nos sertões. Tudo isto dava para manter na praça uma importação de fazendas, que antes de 1792 já era orçada em 400:000 crusados

A cultura do algodão, que já existia no valle do Jaguaribe, depois da secca augmentou consideravelmente,

de sorte que a exportação de 1794 foi avaliada em 16 a 18 mil arrobas.

Era tambem consideravel o commercio que fazião n'aquelles sertões com as zonas assucareiras de Pernambuco e Bahia, ministrando-lhes bêstas de carga e cavalgaduras de raça, excellentes para viagens e para mover engenhos.

O governo de Portugal, que em tudo se ingeria, prohibio formalmente (1761) a entrada de muares na capitania, mandando que fossem mortos os que de então por diante se introduzissem e fossem apprehendidos os que se encontrassem. Na sabedoria do governo portuguez esta medida fazia-se necessaria para que se não extinguisse a raça cavallar. Só em 1764 achou que assim não era, permittindo a criação de muares, com certas cautellas é verdade.

Foi este commercio pelo interior com as duas provincias, que deu entrada á grande parte dos escravos africanos que a capitania veio a possuir.

Até 1818 não tinha havido importação directa da costa d'Africa.

Segundo o testemunho do governador Sampaio, os que tinhão vindo, por via de Pernambuco, de 1813 a 1817 andavão sómente por 352.

O governador solicitou para o Ceará, em fevereiro de 1818, a graça de poder importar escravos d'Africa como se tinha concedido á capitania do Pará. Não foi porem concedida; pois que elle mesmo, em outubro do anno seguinte, communicava ao governo que havendo entrado aqui o cuter *Sirene*, procedente da ilha Bôa-Vista do archipelago de Cabo-verde, com 30 africanos, tirados da costa d'Africa, donde era prohibido exportar segundo o alvará de 26 de janeiro de 1818, elle os tinha aprehendido, mandando processar os introductores.

Até a promulgação do alvará de 17 de janeiro de 1799, que, separando o Ceará da capitania de Pernambuco, lhe deo permissão para negociar directamente com a metropole, todos os negocios da Fortaleza e Aracaty erão exclusivamente com a praça de Pernambuco.

Esta emancipação do commercio, porem, si bem que limitada, não deixou de encontrar opposição e dividir os animos na capitania. Os que tiravão proveito do commercio com Pernambuco, fizerão manifestações, que não forão adiante pelo respeito talvez em que era tida a autoridade!

Em 4 de fevereiro de 1800, o vereador da Fortaleza, João Manoel Casimiro reclamou que se havia propalado na villa que elle e alguns officiaes da camara não tinhão querido assignar uma carta que o capitão-mór Antonio de Castro Vianna minutara para o senado, agradecendo a separação da capitania e a permissão concedida para negociar directamente com Portugal. Assim, dizia elle, querião indispol-o com os superiores!

Targini, em uma representação ao rei, falla de negociantes do Icó, que se mostravão mal satisfeitos com a concessão e parecião combinados com os de Pernambuco para annullar tamanho favor.

O Aracaty, que não podia fazer, com as mesmas vantagens, o commercio directo com Portugal pela natureza do seo porto, continuou enfeudado á Pernambuco. Manteve, porem, a sua primasia á mercê da impossibilidade em que se achavão as povoações do Jaguaribe de encaminhar seos productos ao porto da Fortaleza.

Accrescentando-se a tudo isto que a propria cultura do algodão só se desenvolveo no municipio da Fortaleza, depois do alvará de 27 de maio de 1803, que reduzio a metade os direitos de entradas e sahidas de todas mercadorias e que até antes o algodão, obrigado ao interposto de Pernambuco, supportava um frete mais pesado que o do Aracaty; tem-se em conclusão a somma de motivos pelos quaes era este ainda, ao tempo de Barba Alardo, um mercado muito superior ao da Fortaleza e a razão mesmo porque tambem o Icó, quasi na confluencia do Salgado, lhe estava superior em riqueza, população e desenvolvimento material, embora aqui fosse a séde do governo, do funccionalismo da capitania, da força paga, etc.

VI

Carolina. Alinhamentos novos. Pontos de referencia.

O alinhamento da Fortaleza, tal qual se vê hoje, cortada em quadras regulares, alinhando pelos quatro pontos cardeaes e de modo que o ar circule perfeitamente e o mar sirva de vista a extensas avenidas é obra dos tempos coloniaes.

Constituida a cidade acompanhando sua primeira rua (*Nova ou Direita dos mercadores*) as sinuosidades do regato Pajehú, as que se projectaram até o tempo de Sampaio forão seguindo o máo caminho ou nascendo tortas.

Ainda hoje se observa esta falta, comparando a cidade que se estende ao poente do *Mercado* com a parte antiga, que se tem procurado corrigir ou cuja irregularidade se tem conseguido illudir, em grande parte, traçando outras ruas.

Em sessão do senado da Camara, de 21 de novembro de 1812, se assentou de pedir, e pedio se effectivamente, ao governador que mandasse fazer uma planta para a edificação da cidada na parte do oéste da praça —*Carolina*, visto que só havia uma para o lado de léste.

Foi esta a origem do alinhamento actual da Fortaleza. O engenheiro Paulet executou o trabalho e forão presentes á camara em 15 de maio de 1813 duas plantas, uma das quaes entendia com o oéste d'essa praça, a outra modificava o plano já estabelecido para a parte opposta. Em virtude desta, o boticario Bernardo José Teixeira tinha lançado os fundamentos da velha rua do *Sampaio*, em honra do governador, por traz da dos *Mercadores*; rua tanto tempo esquecida e só muito tempo depois adiantada com algumas casas de melhor apparencia. A forma quadrangular foi adoptada desde então pela camara, que a mantinha com cuidado.

A *praça da Carolina*, actualmente praça José de Alencar (Mercado), era um pateo sem edificação regular que demorava ao poente da casa da camara, pateo cercado

de madeira no centro do qual havia alguma edificação má e incorrecta.

Concluida a obra do mercado, alinhou-se pela frente deste a ála da Boa-vista, hoje Floriano Peixoto, que corre parallela.

Nesta ála edificou o capitão mór Castro a casa n.º 24, em que residio o finado Paes Pinto, e para o norte o negociante Nunes occupou uma esquina, abrindo caminho da praça para o matadouro.

Foi pois a frente do mercado, que servio de linha de referencia para todas as que se projectaram. Em outubro de 1814, já estava em começo a rua da *Palma*, hoje do major Facundo, incumbindo-se de sua abertura ou traçado o dito boticario Bernardo José Teixeira que foi por isto louvado pela camara, como benemerito.

O serviço, portanto, que se tem attribuido a Antonio Rodrigues Ferreira, de ter alinhado a cidade, fica reduzido ao facto de ter contribuido poderosamente, em epochas posteriores, para a observação d'aquelle plano. A outro boticario caberia a gloria pela execução do traçado de Paulet, sendo preciso restituir-lhe o que lhe tiraram para illustrar o nome d'aquelle.

Ferreira chegou ao Ceará em 1825, quando já existiam muitas ruas da nova planta. Entrou para a camara na qualidade de vice-presidente, na eleição que se fez no governo de Fausto Augusto de Aguiar (1848) e servio de presidente no quatriennio seguinte, fallecendo em 1856.

A ála em frente ao mercado estendeo-se até prender-se á antiga rua da Bôa-vista, pois que aproveitou-lhe os poucos edificios ficando como um prolongamento della Encontravão-se em 1825, na linha que corre em fente ao palacete da Assembléa e ao antigo Gabinete de leitura, uma casa do capitão-mór Barbosa, outra de Manoel Francisco da Silva e duas do coronel Machado.

Foi depois de 1825 que se edificou o sobrado n.º 34 que tem frente precisamente para o palacete indicado. Para fazer estas casas e as do fundo, com frente na rua *Major Facundo*, foi de mister demolir a velha rua do *Monteiro*, que as cortava obliquamente.

Firmaram o alinhamento—o sobrado actualmente *Casa da Camara*, que foi de Francisco José Pacheco de Medeiros (Pachecão), edificado antes de 1824; o sobrado do coronel Machado, alinhado por esse outro em 1825; e finalmente o edificio do *Ensino mutuo*, hoje Guarda Civil, que Belfort mandou construir em 1828.

Pela rua da Bôa vista, pois, alinhavam-se todas as ruas que correm do sertão para o mar; pelo sobrado de Pachecão, a rua *Municipal*; pelo sobrado de Barbosa, a da *Assembléa*; e pela casa de Nunes, a do *Senador Alencar* (nome moderno).

A rua das *Flores*, que fecha ao nascente com a capella do cemiterio na extensão de quasi dois kilometros, é antiquissima. Muitos annos levou a ser alinhada não se podendo de todo corrigir os seos vicios primitivos; a frente da Sé lhe ficou de esguêlha. O que se poude fazer foi illudir o defeito para quem estiver á distancia.

Eis, pois, como se fez a cidade mais regular do norte do imperio.

VII

Pobreza. Opinião de Ferdinand Denis. Derramas. Litigios. Pescado.

Era pobrissima a sede da capitania até o governo de Barba Alardo, que tomou a si promover o seo commercio externo e dar impulso á agricultura nos municipios visinhos.

Alguns factos dão idéa das condições em que ella se achava.

Em 1798 o governo de Lisboa mandou que a camara procedesse a uma finta para o estabelecimento de mestres de officios, de um medico, de um cirurgião, etc, os quaes devião chegar no primeiro de junho do anno seguinte

Naturalmente não podião ser grandes cousas; mas a camara assustou-se com os hospedes annunciados e para tratar do assumpto convocou os *Republicos* da villa, de pre-

ferencia á nobresa, clero, e povo mixturadamente, como de outras vezes.

Desta importante deliberação damos integralmente o processo verbal.

«Aos 14 dias do mez de maio de 1799 annos, nesta villa da Fortaleza de N. S. da Assumpção, capitania do Ceará grande, nas casas dos Paços do conselho della aonde se achavão o juiz presidente Manoel Lopes de Abreo Lage (Licenciado) e procurador do conselho e republicos para assentarem o que havião de responder as ordens dirigidas a este senado sobre as fintas para este estabelecimento, de um medico, de um cirurgião, contadores e idralos (sic) e sendo-lhes lida as copias de ditas ordens, cujas ordens são de 21 e 27 de outubro de 1798, as quaes sendo lidas, forão de parecer que depois de agradecer á S. M. o beneficio que queria fazer aos povos desta villa e seo termo, principalmente para o estabelecimento de um medico e um cirurgião, por haver destes maior precisão do que de *idrauculos* e *ipographos* (sic) se respondesse a S. M. que muito a seo pesar se não pode fazer um imposto ou finta sufficiente para o mesmo estabelecimento em razão da pobreza, a que estão reduzidos os povos depois da calamitosa secca de 92, que grassou em toda esta capitania, cuja se coadjuvava muito mais com a do senado, por quanto sua casa é da taipa, indecente e quasi de todo arruinada (é a que foi vendida ao professor Avila, em 4 de janeiro de 1803), alem de não ter mobilia de qualidade alguma e de lhe ser necessario para as funcções mais publicas, como a presente, pedir trastres emprestados, por não ter o mesmo senado patrimonio sufficiente para as suas competentes despesas para poder contribuir para a felicidade publica, por meio de obras de que esta villa e seo termo padecem a mais urgente necessidade e que quando elles tivessem possessões sufficientes as desejarião esgotar em beneficio de uma decente casa de camara, cadeia, mobilia e pontes, de que tanto necessita para conservação da autoridade do senado, para punição dos deliquentes e para commodidade do commercio, por

serem os objectos que devem occupar a primeira consideração do senado».

Em 1805 foi que esta corporação pôde comprar 18 cadeiras. Antes disto possuia 3 archibancas, ou bancos de madeira com encosto, uma meza coberta de panno encarnado com couro de carneiro no meio, ornado de franjas amarellas. Datava esta mobilia de 1799.

A villa estava sempre a braços com a penuria e a camara, incumbida de prover a subsistencia publica, empregava todas as medidas em uso n'aquelles tempos de violencia e ignorancia.

A venda da farinha era regulada pela camara que a tomava onde encontrava, em todas as crises.

Em dezembro de 1799, estando ancorado em Mucuripe o barco *Bom Successo* e suspeitando-se que nelle quizessem carregar farinha, a camara mandou intimar ao mestre que não conduzisse mais que o necessario para a tripulação, pena de 30 dias de cadeia e 12$000 réis de multa.

A verdadeira historia do Ceará seria sem duvida a das suas seccas, dizia Ferdinand Denis.

Não seria inteiramente assim, tratando-se dos tempos modernos, mas até 1817 miseria é quasi o exclusivo objecto das chronicas da terra. O pão era a primeira preoccupação, o cuidado de todos, tão escasso e fallivel era elle.

Durou isso muito tempo.

Notamos que ainda em abril de 1815, seguindo para Angola na sumaca *S. José* dois infelizes que ião cumprir pena de degredo, a camara, que para viagem delles tinha feito despeza não pequena com dois pares de grilhões lhes mandava dar 1$260 réis para meio alqueire de farinha e um sacco, unica provisão para tão longa viagem!

A carne era vendida ao povo com preço taxado, que regulava fresca 960 por arroba, fazendo a camara effectivo o supprimento, ora por *derramas*, ora por *contractos*.

A derrama era uma obrigação, que se impunha aos criadores de gado de talhar carne no açougue exclusivo

da camara, a preço fixo, distribuindo-se por elles os dias do anno. Todos os fazendeiros desde *Cauhype* até *Canindé* vinhão obedecer á ordem do senado; e que o não fizessem!

Em abril de 1812, pouco depois da posse do governador Sampaio, deo-se um conflicto por amor disto, que tornou este governador irreconciliavel com o potentado da terra, sargento-mór Antonio José Moreira Gomes.

Tendo este sahido na derrama, excusou-se della, como já fizera em julho de 1808, allegando e prevalecendo-se de privilegios *da bulla da santa cruzada*, que dizia eximil-o; mas realmente, por despeito para com o juiz de fóra José da Cruz Ferreira, que tinha annullado um contracto firmado pela camara com um amigo de Moreira, para talhar carne a 1$200 por arroba.

Foi isto origem de uma divisão na villa, e pela primeira vez se ouvio a palavra—partido—que era quasi um motivo de devassa!

As pescarias e consumo do peixe, tudo estava regulado de um modo vexatorio, ficando os pescadores reduzidos a uma condição quasi servil e prevalecendo sempre a lei do *maximum*, que passava por verdade economica n'aquellas éras.

Para transportar o leitor áquelles tempos, aqui transcrevemos alguns artigos das posturas de 26 de outubro de 1811.

«1.º Que todos os jangadeiros serão obrigados todos os dias a ir pescar com suas jangadas ao mar e isto a horas competentes, salvo quando o tempo fôr tal, que elles de força não possão ir ao mar, debaixo das penas de 30 dias de cadeia, cada um dos jangadeiros».

«2.º Que, para execução deste artigo primeiro, elegem e determinão que um dos jangadeiros de mais porte e capacidade seja cabo, a quem todos os outros jangadeiros respeitarão e obedecerão, como official de justiça ficando este cabo obrigado a fazer sobreditos jangadeiros irem pescar ao mar, assim como pertence tambem a este cabo decidir, si os ventos e os tempos são favoraveis ou

SOLDOS

Governador annualmente 1:600$, ajudante de ordem 240$, secretario 240$, naturalista Feijó, em commissão 712$, sargento-mór de milicias de marinha do Jaguaribe e *Siará* 312$, ajudante dito 144$, escrivão da vedoria de guerra 100$, alferes de milicias de marinha.. 30$700, sargento idem 19$200.

Capitão de infantaria da guarnição mensalmente 19$700, tenente 11$, alferes 10$, cirurgião-mór 30$, capellão 10$, sargento 2$560, furriel 1$600, soldado 1$280, tambor 2$400.

Alferes de milicia, mensalmente, 2$560, sargento 1$600.

1.º Tenente commandante de artilharia, mensalmente, 15$000, sargento 3$600, furriel 3$000, cabo 1$920, tambor-mór 2$400, soldado 1$600.

SALARIOS

O administrador da obra do quartel e fortaleza (tenente Torres) tinha diariamente 1$000, mestre de carpinteiros 640, official idem 480, mestre pedreiro 400, servente 160, dito tirador de madeiras 80 réis.

Os estafetas tinhão por viagem, ida e volta, para o Crato 6$000, Aracaty 2$500, Pernambuco 20$, Icó ou Acarahú 4$, Missão-velha 5$500, Serra dos Côcos ou Arneiroz 4$800, Inhamuns 5$800, Quixeramobim 3$400, Monte-mór 1$750, Timonha 5$670

Entre nós, quem quizer decifrar o passado, adquirindo noções da vida colonial, não se deve eximir de revolver os archivos dos antigos senados.

Em torno da autoridade edil encontrará a descoberto para serem estudadas, debaixo de muitos pontos de vista, as populações, que entravão para a vida civil, sahindo das selvas, e as que vinhão de longe aggregar-se a ellas pelo direito de conquista, fazendo valer sua superioridade de casta, e predominando pelo ascendente do seu adiantamento moral.

Estudados com paciencia, os archivos municipaes dão perfeitamente para se reconstruir a sociedade de outr'ora. Não faremos tanto, mas, referindo-nos aos factos que estão ao nosso alcance pela leitura dos documentos encontrados na camara da Fortaleza, tentaremos dar a feição d'aquelles tempos, no tocante ás instituições e costumes, como temos querido fazer em relação ao desenvolvimento material da colonia.

Educado pelo clero na superstição e na obediencia passiva, sem noção alguma da vida exterior, em verdadeiro sequestro n'um canto desconhecido da terra, o povo do Ceará vivia n'uma vida abjecta e servil. O rei era um mitho e o seu delegado na capitania participava do culto que lhe tributavão. Não tinha limites o terror, que infundia sua colera e os homens se habituavão a uma continua prosternação moral.

Abaixo do governador estava o magistrado, vindo d'alem mar, para fazer fortuna expoliando os seus jurisdiccionados, juiz meio raposa, meio lobo, com ares de grande senhor.

Quem vivia em contacto com o povo erão as suas camaras envolvidas em todas as cousas da cidade, com extensas attribuições em materia de politica.

Infelizmente, compostas de homens ignorantes e acobardados, nem sempre servião á bôa causa, que lhes estava confiada, suavisando o rigor das disposições odiosas das ordenações e leis portuguezas.

O individuo desapparecia e o trabalho era uma outorga das camaras ou senados.

Nenhuma arte ou officio se podia exercer sem permissão, isto por largos annos. Ainda em sessão de 8 de fevereiro de 1812 se accordava que ninguem trabalhasse de carpina, pedreiro, sapateiro, ferreiro, alfaiate, marcineiro, etc... sem licença, pena de multa. Para obtel-a, os artistas fazião exame perante o respectivo juiz de officio. Só em dezembro de 1813 se lhes deixou liberdade inteira, continuando todavia, por muito tempo, as corporações de officio.

Em janeiro de 1815 ainda se nomeavão juizes e escrivães dos officios de alfaiate, carpina, sapateiro e pedreiro.

A's vezes a licença para trabalhar era com tempo limitado. Assim, em 1804, concedeo-se uma á Josepha Maria de Jesus para trabalhar no seo tear e vender o que fizesse!

IX

Policia edil. Aposentadorias. Lavoura. Festas officiaes. Lutos.

A antiga Camara da Fortaleza fazia, em corporação, a correição das lojas, vendas e açougues, acompanhada de seo *almotacé*. Nos registros de 1806 encontra-se a nota infra, que não deixa de ter seo interesse para os que das cousas procurão deduzir os homens.

«..... nesta villa da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção, capitania do Ceará grande, nas casas da camara, dellas sahirão em correição o juiz presidente e mais officiaes da camara e correndo todas as lojas, não condemnando a pessôa alguma por se achar tudo corrente, só se indo ao açougue a vêr e rever os pesos achou-se o açougue indigno de que se cortasse carne nelle por se achar o cêpo e tarimba com uma grande porquidade em cima da sanguêra da mesma carne e da mesma forma a casa cheia da mesma porquidade, paredes e chão, e igualmente fazendo-se da cadeira em que se assenta o Almontacé igualmente tarimba de se bater carne em cima, que achava muito porca e por estes motivos o mesmo senado condemnou o dito contractador em 6$000 réis para as despezas do senado».

A forma dos seos despachos era ás vezes insolente. A João Joaquim, que requeria não se sabe o que, despachava indeferindo — por ser falto de verdade.

Competente para obrigar a termo de bem viver, fazia os pacientes subscreverem as maiores ignominias.

O professor regio da villa se indispoz com os vereadores, quasi todos portuguezes, por lhe terem recusa-

do attestado para receber seos vencimentos. A camara o fez assignar o termo seguinte:

«Aos 27 do mez de novembro de 1802 em vereação da camara e senado desta villa, mandou o presidente della e mais vereadores, por ordem dos Illustrissimos Senhores governadores interinos desta capitania chamar á sua presença o pardo João da Silva Tavares, mestre de grammatica latina desta villa, para assignar termo na presença de todos de viver d'aqui em diante com paz e quietação, conforme as leis do reino e costumes, de que deve fazer profissão. E sendo vindo o dito João da Silva Tavares, pelo dito senado lhe foi dito, que para occorrer ao socego e tranquillidade publica perturbada pela lingua diffamadora, libertinagem e pessimos costumes, movendo ainda delle João da Silva Tavares o justo castigo que por elles merecia, o advertião de não continuar mais no exercicio de *mexeriqueira*, enredador e perturbador do publico, magistrados e republicos, pondo fim a dissolução de sua vida e assignando termo de viver como bom vassallo de sua Alteza Real e bom visinho desta villa, sob pena, si o contrario praticar, de ser na conformidade da lei *exterminado* para os lugares de Africa, alem das mais penas, com que os seos delictos aggravassem a primeira; o que sendo ouvido pelo dito João da Silva Tavares prometteo mudar de conducta debaixo da dita pena e assignou com o mesmo senado este termo para a todo tempo constar da sua emenda ou recalcitração, conforme o disposto pelo regimento do mesmo senado e leis do reino»

A este termo seguio-se uma longa contestação entre a camara e o professor, que era de uma teimosia sem limites. A camara negou-lhe ainda attestados e elle aggravou para o principe!

Na concessão deste recurso, a camara assistida por um assessor que tomou para a causa, prendeo o aggravante porque (diz o auto) estando o termo de aggravo já lavrado e em meio o mesmo professor entrou com palavras *impetuosas* e menos decentes ao respeito que devia ao senado, dizendo que dava de suspeito o escrivão; por dizer que o insultavão com o tratamento de pardo, mostrando

ser arrogante e desobediente; e finalmente por ter alteado as vozes sem o respeito devido.

Tavares andou muito tempo em brigas com os vereadores, até que finalmente se conciliarão.

Erão muito usados, na camara, os têrmos de bem viver. Em dezembro de 1805, ella fez assignar identico a Manoel José Ribeiro.

Tambem conhecia do crime de injuria, tomando um assessor, a quem pagava de 640 a 1$600 réis por cada conselho.

Promovia a aposentadoria dos magistrados, designando a casa que devião tomar e fazendo-lhes a despesa que regulava $600 réis por mez!

O celebre missionario frei Vidal teve igual favor, quando veio ao Ceará. Em dezembro de 1790 a camara designou para a residencia delle a casa do alfaiate Salvador, á rua do Quartel.

Tratava da abertura e conservção dos caminhos, e obrigava os camponezes a plantar mandioca e cereaes diversos, sob pena de multa e cadeia.

Uma postura de março de 1803 impunha a cada lavrador a obrigação de apresentar annualmente em camara 30 cabeças de passaros de bico redondo. Esta perseguição, que aliás era feita por todas as camaras da capitania aos *papagaios*, *periquitos* e *maracanãs*, deixa ver que o numero destes passaros era então maior que actualmente.

Promovia as manifestações de regosijo ou de pesar, graduando-as pela sensibilidade do governador.

Em março de 1812 por occasião de nascer um filho ao infante D. Pedro Carlos, successo *glorioso* que lhe foi communicado em officio pelo governador, expedio editaes para que a população o festejasse com luminarias, trez noites consecutivas.

Em abril de 1816, sendo-lhe egualmente communicado o decreto, que deo ao Brazil o titulo de reino, *em testemunho publico da reconhecida gratidão por tão alta mercê*, ordenou que em acção de graças se expuzesse o Santissimo Sacramento na matriz da villa no dia 12 de

maio e se offerecesse a Deus o sacrificio de uma missa cantada, em que se pedisse a conservação do principe regente e sua familia, devendo officiar trez padres, haver sermão e *Te-Deum*, presente a camara encorporada aos republicos. Os habitantes da villa tiverão que illuminar suas casas nos dias 11, 12 e 13.

Quando se lhe communicou a noticia da morte de D. Maria (15 de junho de 1816), o seo sentimento, agora de pezar, não foi menos vivo. Mandou que todo povo da villa e districto vestisse lucto rigoroso por seis mezes e alliviado por seis. Attendendo a que a pobreza e os escravos não podiam satisfazer rigorosamente este dever, permittio que os homens trouxessem nos chapeos e as mulheres na cabeça *qualquer retalho* preto. Os que se recusassem a este acto de piedade e demonstração de magua, teriam 30 dias de cadeia, cada vez que fossem encontrados sem o distinctivo!

Nas audiencias geraes dos corregedores, solemnidade a que comparecia todo mundo official, vinha a camara em corporação ouvir os provimentos e advertencias do magistrado. Lavrava-se de tudo um termo, que era assignado por ella e pelos republicos, os respublicos, como se encontra nos manuscriptos do tempo.

Tem seo interesse o termo de uma dessas audiencias.

Damos o excerpto do que traz a data de 6 de fevereiro de 1808:

..... Primeiramente perguntou (o ouvidor) de quem era esta villa e como se denominava.

Responderão que de sua Alteza Real o Principe regente, Nosso Senhor e que se denominava villa da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção.

Perguntou se esta camara tinha Ordenações com todos os seus livros.

Respondeo que sim.

Perguntou mais, se esta camara tinha cofre para seus rendimentos e da mesma forma de orphãos, cada um com suas trez chaves.

Respondeo que sim.

Perguntou mais, se nesta villa havia alguma pessôa

poderosa e revoltosa, assim secular, como ecclesiastico, que perturbe a quietação do povo e execuções da justiça.

Respondeo que não.

Perguntou mais, se nesta camara havia alguma postura ou posturas, que carecessem dereformar ou accrescentar.

Respondeo que adiante requererião, si fosse necessario, etc.

X

Vigarios. Conflictos. Moreira. Eleições. Ensino publico. Sevicias e premios.

A monotonia da vida colonial, sem embargo dos habitos de subordinação e respeito da população, quebrava-se pelos conflictos que se levantavão nas regiões officiaes.

Targini poz-se em divergencia com Bernardo Manoel e lhe fez curtir muitos dissabores, combatendo, como chefe do serviço de fazenda, as despezas que elle ordenava, para que o naturalista Feijó explorasse as salitreiras do norte da provincia. O governador morreo por esse tempo. Era um velho beato, que massava as autoridades com tiradas infindas em forma de cathecismo.

As escolhas de vigarios para a freguezia sempre produzião brigas, resistindo o occupante ao successor nomeado, tomando a camara partido por um e finalmente intervindo o povo.

Em 27 de julho de 1795, a camara, em consequencia de requizição do povo, dirigiu-se á autoridade ecclesiastica pedindo que não consentisse em ser restituido ao curato o padre Felix Saraiva Leão, que tinha sido deposto, mas o fizesse retirar da capitania. Nomeado, todavia, em agosto desse anno, a camara teve que oppor-se a isto, sem que podesse obstar a posse, que effectivamente teve lugar em novembro, occasionando desordens. A camara o communicou ao principe e ao governador, de quem parece não obteve satisfação.

Era candidato da camara o antigo parocho da freguezia Antonio José Alves de Carvalho.

Em 1798, procurando prover-se no curato o padre João Francisco Rodrigues da Costa, que para isto se dirigio á Lisbôa, a camara ainda se declarou contra ellé. O nomeado foi outro de nome Luiz José, quando ella pedia a conservação de Claudio Alves da Costa, então em exercicio.

Em 1800, outro vigario foi nomeado—o padre José Felix de Moraes. Vindo tomar posse a camara lhe escreveo pedindo da parte de sua Alteza Real que se retirasse e não prejudicasse a paz e socego em que vivia o povo com o seo parocho!

A nomeação finalmente do padre Antonio José Moreira pôz fim a estes conflictos. Este parocho foi membro do primeiro governo provisorio e deputado á constituinte de Lisbôa.

Outra intriga, que dividio os animos, foi a de Antonio José Moreira Gomes com o juiz de fóra Cruz Ferreira em consequencia da derrama e contracto de açougue, intriga, em que se envolveo Sampaio, a quem Moreira affrontou com sua soberba e altivez.

Este portuguez, o mais rico e influente da terra, foi capitão-mór de ordenanças do termo.

Era sargento-mór em 1801, quando vagou o lugar por fallecimento de Antonio de Castro Vianna. Apparecendo a disputal-o, em camara, onde se devia fazer a proposta, foi apresentado em segundo lugar, sendo em primeiro Gregorio Alves Pontes e em terceiro Ignacio Barroso.

O governador annullou a proposta, pelo facto de ter o povo tomado parte nella e se procedeo a uma outra em 20 de novembro de 1802, sahindo em primeiro lugar Gregorio Alves Pontes,—por ser da maior nobreza, christandade e desinteresse, manço, quieto e pacifico, e alem disso morador na villa; segundo Ignacio Barroso de Souza, morador na villa, cheio de probidade e de honra; terceiro Jeronymo Fernandes Tabosa, homem quieto e desinteressado, morador no termo.

Foi nomeado o primeiro, mas por sua morte, em 1810, Moreira voltou a disputar o lugar, como da maior importancia n'aquelles tempos. Apresentados, elle em primeiro lugar, Francisco Alves Pontes, e Tabosa em segundo e terceiro, o governador Barba Alardo o escolheo.

Foi Sampaio quem o derribou, fazendo cassar-lhe a patente, a pretexto de não ter apresentado confirmação em tempo e de se ter ausentado sem licença. Não lhe valeo ter enviado de Pernambuco sua carta de confirmação e uma licença e ter ido ao Rio de Janeiro solicitar reparação da injustiça de Sampaio.

Em 9 de maio de 1814, a camara, depois de muita hesitação, fez uma proposta que o governador exigio sendo em primeiro lugar Antonio José da Silva Castro, valido do governador, que ambicionava o lugar; em segundo Lourenço da Costa Dourado, rico negociante outr'ora do Aracaty, onde já tivera a mesma patente; em terceiro o sargento-mór José Agostinho Pinheiro.

Foi este Castro, instrumento do governador para a queda de Moreira, quem, ganhando a estima delle, fêl-o proteger a sua familia dando-lhe muitos empregos retribuidos, origem da sua fortuna politica e começo de vida publica.

Os parentes e adherentes de Moreira, dessa epocha por diante, acharam-se em constante divergencia com esta familia que tanta preponderancia veio adquirir na provincia.

Moreira acabou ás mãos de um escravo, em viagem para uma de suas fazendas, no sertão de Canindé, em 1821.

A prata, possuida pela Sé, foi presente delle. Era sogro do finado coronel José Antonio Machado, seo antigo guarda-livros, que se fez tão notavel, depois de 1824.

Vamos accrescentar ao nosso quadro uns traços do ensino publico da Fortaleza, em 1810.

Havia então trez cadeiras mantidas pelo Estado. Era professor de latim o padre João Rufo da Costa de Freitas, com 300$000 réis de vencimentos. Tinha sido nomeado

para o Aquiraz em 1792, e foi removido para Fortaleza em 1810 para succeder a João da Silva Tavares Occupava a cadeira de primeiras lettras do sexo masculino Joaquim Bernardo de Mendonça Ribeiro com 80$000 réis, nomeado pelo governador em setembro de 1808. Finalmente regia uma cadeira de meninas, criada por Barba Alardo, Maria Gertrudes Ferreira.

Os primeiros mestres *regios* eram nomeados em Lisbôa pela Meza censoria, em nome do rei, que lhes assignava a provisão. De ordinario, a meza expedia ordem ao ouvidor, para fazel-os examinar e prover por um anno, enviando para Lisbôa o resultado do exame. Em vista deste, passava-se titulo por seis annos. Os vencimentos erão recebidos na junta de fazenda do Recife, pelo rendimento do subsidio litterario ou das carnes verdes ou de ordem desta na provedoria da fazenda do Ceará, pelo mesmo rendimento. Havia o ensino de latim e o de *ler* e *contar*.

Algum tempo esteve a cargo do bispo Azeredo Coitinho a inspectoria dos estudos, no bispado de Pernambuco, fazendo elle a nomeação de professores e erão estes pagos pelo cofre do seminario de Olinda.

O ensino daquelles tempos se resentia da crueldade, que era peculiar aos homens de governo, e andava associada a toda idéa de mando. Os paes de familia corrigião seos filhos, seviciando-os a chicote; os mestres fazião outro tanto por delegação delles e consenso universal. A escola inspirava horror aos rapazes e não era de balde. Além do castigo usual da palmatoria e outros, havia o que se chamava—tomar a cavallo.

A's costas de um rapaz, posto de quatro pés, ligavão o paciente e lhe flagellavão as nadegas com disciplina ou chicote!

Erão os effeitos da maxima um vóga—*Litteræ non intrant sine sanguine.*

Toda sorte de estimulo tinha por base a violencia e os maos tratos. Havia apostas e o premio do vencedor era bater o vencido!

Fazião-se presentes aos discipulos, que se distinguiam

em alguma couza e consistiam estes em um perdão de certa quantidade de palmatoadas, que de futuro lhes viesse a caber.

Estes titulos erão ás vezes transferiveis! Finalmente os mestres estabelecião o antagonismo entre os rapazes, dividindo-os em *Troia* e *Grecia* e os dois partidos se palmatoavão arguindo-se. Vencedor considerava-se aquelle, que mais *bolos* dava no seo rival e nisto consistião as glorias do combate.

Era assim que os moços se habituavão a causar dôres e afflicções a seos semelhantes, tornando-se duros e crueis.

A escola fundava a cadeia, dispondo ao crime, que erá uzual naquelles tempos de grandes, porem falsos pundonores.

Frequentavão a escola ordinariamente rapazes de mais de 12 annos, por isto que as creanças não resistirião a tão duro regimen.

E os mestres, entretanto, bem pouco sabião, salvo os de latim, materia que se estudava com muito ardor, tendo-se em conta de erudito quem vertia os classicos, bem que os não entendesse.

XI

Modas. Folgares. Novidades do tempo.

O luxo ainda não tinha transposto o oceano, aguardava o dia do superfluo. A esthetica do colono devia parecer-se com as circumstancias da terra e nem podia haver gosto apurado, faltando os confrontos.

Apenas os altos funccionarios e os negociantes que fazião as tardias viagens de Pernambuco, ou por via desta praça podião receber alguns artigos de Lisbôa, davão-se um tratamento mais esmerado.

Da metropole vinhão casacas de panno fino preto e azul, que servião uma vida inteira e nos primeiros tempos do Ceará erão descriptas nos inventarios, passando aos herdeiros do primeiro adquirente

Tinhão uma lapéla endurecida a ferro e a posponto, a góla levantada até meia cabeça, e mangas tão justas que comprimião os braços. As casacas azues tinhão grandes botões dourados.

Uns calções abotoados junto aos joelhos dando entrada por um alçapão, meias de sêda, sapatos de entrada baixa com fivellas de ouro e prata, collete abotoado, acima dos peitos, gravata de meio-lenço envolvendo o pescoço, chapeo alto, bengala de castão de ouro e um *rabicho*, completavão a toilette de um personagem do tempo nos dias de festa.

A classe immediata e a gente grada (no diario) vestia *rudaque*, especie de casaca de ábas curtas e *robissão* de *duraque* ou *lila*. Os pobres fazião-no de *xila* e d'outras fazendas de menos valor

Usavão tambem a *paqueta* e o *timão*; em certas occasiões, o capote de *barragana*, fazenda de lã aspera e espéssa de quadros encarnados ou azues, ou de ambas as côres combinadas.

Trazião botas de cano alto ou simplesmente sapatos de entrada baixa.

O chapeo uzual era de baiêta preta chamado—de Braga. Tinha as abas arqueadas, a copa alta, no fundo um diametro tamanho, que erão terriveis as *encapellações*. Davão a este chapeo o nome de *bibio*. Outros da mesma fazenda, com abas longas, erão do uzo da gente pobre

Os meninos das familias abastadas vestião *sungas*, accumulação de jaqueta e calções em uma só peça que os pobres fazião de *xila*.

Xila era um algodão liso fino, com quadros azues, de padrões diversos, fazenda mui popular e para toda sorte de roupas.

Os criadores de gado nos sertões, alguns em visita a villa, trazião ordinariamente o uniforme da profissão —gibão, perneiras, guardapeito, luvas e chapéo, tudo fabricado de pelles bem cortidas, macias e tratadas com esmero, ás vezes com bordaduras e pospontos, que produzião bom effeito pelo gosto e arte.

Koster e Ferdinand Denis nos deixarão a estampa

desses personagens, já hoje encontrados sómente no alto sertão, como reliquias dos tempos coloniaes.

Viajando a cavallo, os homens montavão em sellas chamadas *gin-tes*, com duas saliencias atraz e adiante, de sorte que não era facil arrancar dellas o cavalleiro. Algumas erão ricas e primorosamente trabalhadas em *velbutina* e marroquim, bordadas a retroz, acolchoadas, arreiadas de prata e com grandes estribos, trazendo *sobre-ancas* de couro de onça para os ricos ou de gato montez para os pobres.

Todos estes luxos erão para os dias de missa e festas de egreja.

As senhoras ricas tambem fazião vir de Portugal suas roupas de gala e as meninas guardavão em tudo, salvo as proporções, os uzos das mães.

Assim erão já, no vestir, o que fallando dos sentimentos, os criticos modernos chamão—mulheres pequeninas.

Vestião setim, nobreza, veludo, sarja, *tuquim*, *cabaia* e no ordinario *guingão* e chitas da *India*.

Era uma peça de valor o chamado *sitoé*, capa longa de *durguete* (fazenda de sêda) com punhos e gola de veludo. Em um inventario antiquissimo encontrámos um *sitoé*, que foi dado em quinhão á herdeira da defunta antepossuidora

Usavão de um *ló*, prêso a um pente enorme, que era um como estandarte fincado sobre uma montanha de cabellos, formada no alto da cabeça e mui estimada sob o nome de *cócó*. O *ló* servia de véo, cahindo sobre uma parte do rosto e prolongando-se pelas costas até os tornozellos. Substituião-no em certas idades, pelo lençol de *cacundê*, de *matâmes* e de rendas e os havia de preço elevadissimo, obtidos no paiz.

Usavão tambem mantilhas de *gaze* ou *escumilha* de côres vivas, postas sobre os hombros.

Calçavão sapatos de *velbutina*, com fivella de ouro sobre meias abertas presas por fitas, que se enlaçavão nas pernas; chinelas de marroquim, camurça, etc. O couro de polimento não existia.

Ao pescoço trazião cordões de ouro, collares, gargantilhas e *riquififes* ou cordões de ouro cheios de emblemas e enfeites; pendentes das orelhas, grandes brincos, argolas ou placas; nos dedos anneis de peso chamados — *memorias*.

As mulheres da classe immediata vestião xila, *guingáos* (chitas de ziguezagues), chitas federaes ou douradas. As mais pobres trazião saia e cabeção, as da ultima camada vestião algodão, por ellas mesmo fiado e tecido. O fuso e tear erão então por toda a parte.

Montando, as senhoras uzavão de saias de *ganga* ou de fazendas de preços, compridas e abertas para se poderem arrimar aos dois estribos. Usavão de sellas com um grande bico recurvado a que davão o nome de *sellins* e estavão em uso tambem as *andilhas*, sella, que permittia á equitante estar voltada para um lado, com os dois pés sobre uma mesma travessa.

Enormes chapelinas completavão o costume.

Na Fortaleza, alem das festas religiosas, havia os arrumamentos de tropas, o beija-mão no dia de annos do principe, os jantares e reuniões do governador, os *bailes*, que consistião em representações intermeiadas de danças e cantos.

O povo tinha seos folgares, rudes, como elle.

Alguns cahirão em desuzo: o *papangú*, procissão carnavalesca; o *pagé*, representação de scenas da vida selvagem, na qual fazia de protogonista uma serpente que acabava as mãos dos indios; o *batuque*, dança africana; o *fandango*, scenas do mar; as *touradas*; as *corridas* á argolinha; as danças de corda nas ruas e praças.

Os instrumentos usados pelo povo (alguns hoje bem raros) erão a viola, a guitarra, a rabeca, o machinho, etc.

As festas de egreja e quaesquer outras do matto não dispensavão o tiro de roqueira ou de bacamarte, etc.

Os ciganos, que, formando bandos numerosos, vinhão *arranchar-se* junto ás villas e povoados, os ouvidores, missionarios e visitadores, fazendo sua entrada, com

numerosas cavalgadas, erão successos. O povo se movia a vêr estas cousas.

A predica dos missionarios deslocava as populações do sertão, que vinhão formar grandes abarracamentos, onde elles se achavão, para se entregarem aos exercicios religiosos mais estravagantes, resar, fazer pazes, penitencias, etc. Os frades aterravão-n'os com ameaças de castigos tremendos, na outra vida, e lhes causavão uma impressão que resistia á accão do tempo. Ficavão doidos os pobres de espirito, e os assassinos limpavão se de suas culpas, confessando-as e remindo-as com flagellações á disciplina.

Assim era a vida, ha 70 annos e temol-a esboçado, ás vezes com minuciosidade, para aproveitar aos que começão a escrever sobre costumes.